

GAZETA MERCANTIL

É a hora mesmo de investigar a dívida externa

17 MAR 1987

Adriano Murgel
Branco (*)

Li dias atrás notícia segundo a qual o ministro Dilson Funaro estaria propondo a investigar mais a fundo a composição da dívida externa brasileira. E a hora mesmo de investigar a dívida externa em seus detalhes, para verificar, no mínimo, que os nossos credores internacionais foram, em sua maior parte, cúmplices de um esbulho contra o Brasil. Sim, porque não é admissível que bancos organizados e tecnicamente capazes não soubessem que, em quase todos os financiamentos que fizeram, estavam dando apoio a projetos mirabolantes, inviáveis econômica e socialmente; estavam apoiando aquisições no exterior e obras no Brasil com preços exorbitantes, muito acima dos preços correntes interna ou externamente; estavam prati-



cando taxas de juro excessivas e comissões indevidas.

Foi o próprio Funaro que cancelou várias dessas comissões escandalosas. Mas todos sabem das compras feitas através de "pacotes" de financiamento que tiveram os seus preços posteriormente reduzidos, como foi o caso da compra dos trens de subúrbio da Fepasa e do projeto de eletrificação da mesma empresa. Todos sabem quantos e quantos projetos geraram gordos financiamentos externos e deram em nada, como a Ferrovia do Aço, a Paulipetro, o programa nuclear, entre muitos outros.

Por outro lado, aqueles projetos que resultaram em alguma obra física útil quase sempre significaram um investimento a preços exorbitantes, feitos muitos anos antes de sua real utilidade. Cito apenas dois, para exemplificar, e que conheço de perto: a importação dos trens franceses para os subúrbios da Fepasa e a construção da Rodovia dos Trabalhadores.

No primeiro caso, São

Paulo importou 150 trens- unidade, há mais de dez anos, e somente agora, quando o governo Montoro chegou ao final da implantação dos trilhos e estações, é que se podem utilizar setenta deles. Quarenta foram vendidos anos atrás e o restante ficou sendo usado como reserva de componentes.

No segundo, construiu-se em 1980 uma rodovia com capacidade de tráfego para o ano 2000, ao custo de US\$ 350 milhões, quando pequenas obras de alargamento e melhora da via Dutra seriam suficientes para resolver os problemas da década de 80. No século 21, quando a via dos Trabalhadores for plenamente útil, terá custado quase US\$ 5 bilhões, contando-se os encargos da dívida.

Em ambos os casos, os preços foram exorbitantes e os produtos finais de discutível qualidade. A Trabalhadores já está exigindo reparos importantes, o que não condiz com uma estrada de US\$ 6 milhões por quilômetro.

Como esse exemplo é ge-

neralizável e como muitos dos empreendimentos financiados jamais se concluíram, não é nenhum exagero afirmar, grosso modo, que, dos US\$ 120 bilhões que o Brasil deve lá fora, não mais de 20 terão sido úteis ao tempo de sua aplicação. No entanto, afirmou dias atrás o ministro Funaro, só nos últimos quatro anos o Brasil já despendeu US\$ 33 bilhões líquidos cumprindo compromissos externos.

Num regime sadio de responsabilidade entre financiador e financiado, os bancos internacionais teriam mesmo de arcar com os prejuízos decorrentes dos dinheiros aplicados em projetos inviáveis e falidos. Mas não: os banqueiros internacionais escudaram-se nos avais do governo brasileiro, sangraram o nosso país como puderam e usam os governos estrangeiros e instituições financeiras internacionais, que deveriam estabelecer as justas negociações entre as nações, para pressionar o Brasil a cumprir a sua parte no mau negócio que

eles próprios ajudaram a engendrar e em cima dos quais já carreararam enormes somas para os seus cofres. E hoje reclamam alto, apoiados por dirigentes governamentais estrangeiros que se acumpliciam nessa extorsão inominável contra o nosso país.

Fará bem o governo Sarney se investigar a fundo a origem e composição de nossa dívida externa. No mínimo, a sociedade brasileira precisa saber a causa de sua maior desdita nos dias de hoje; saber por que paga o alto preço do desemprego, da restrição ao seu desenvolvimento, da fome em muitos lugares. Mas, além disso, é preciso responsabilizar aqui e lá fora os artífices desse desastre, entre os quais estão seguramente os bancos internacionais que nos pressionam arrogantemente, como se eles não fossem co-responsáveis pelos prejuízos de uma negociação — para não dizer negociata — destinada ao fracasso.

(*) Novo secretário da Habitação de São Paulo.